

im- pres- sões de

Nas páginas das revistas *Fon-Fon* e *Careta* o Carnaval carioca consolidou a contestação democrática



ale- gria



O humor é, sem dúvida, a maior das subversões. O riso sempre desconcertou e desafiou regimes totalitários ou sociedades mais conservadoras. Pela charge e pela caricatura na imprensa ou por meio de programas de rádio e TV, muito se tem dito e criticado nos dois últimos séculos com mais eficiência até do que um sisudo editorial de jornal ou revista. Muito menos que no passado, o Carnaval ainda serve também para protestar com blocos de foliões que usam fantasias e carregam faixas. *Caricaturas carnavalescas: Carnaval e humor no Rio de Janeiro através da ótica das revistas ilustradas Fon-Fon e Careta (1908-1921)*, tese de Fabiana Lopes da Cunha, volta aos primórdios do século XX para resgatar um dos períodos mais fascinantes e participativos da imprensa de humor e do Carnaval carioca.

A partir da análise de textos e ilustrações elaborados por grandes nomes da caricatura e da literatura e de jornalistas que ficaram no anonimato, explica Fabiana, é possível perceber a importância do Momo na vida desses homens de letras e pincéis e quão importante foi a contrapartida que eles forneceram não apenas ao público leitor. É possível também, acrescenta ela, resgatar e reconstruir através dessas publicações não apenas a história da festa, mas compreender o contexto do período, os problemas políticos, a moda, as inovações e as mudanças na vi-



da da população carioca. “O Carnaval e o humor eram importantes não apenas para a saúde financeira das empresas jornalísticas e editoriais, pois a abordagem e o tema agradavam o público leitor, mas, em especial, na vida de escritores e artistas que escreviam com irreverência e participavam ativamente de cordões. Portanto, eles mesmos eram também artífices dessa história.”

Um exemplo da utilização da folia como negócio para a imprensa era o *Jornal do Brasil*, que possuía um elenco talentoso de ilustradores como Julião Machado, Raul Pederneiras e Amaro Amaral. O diário, diz a pesquisadora, auxiliou na popularização e no consumo das charges, sendo o responsável pela divulgação de um determinado tipo de Carnaval entre a população de nível social mais baixo. “As tiragens nos dias de festa aumentavam extraordinariamente.” A cobertura era completa e entusiasmada.

Os repórteres e redatores, conta Fabiana, empenhavam-se ao máximo para pegar informações. Faziam a ronda entre blocos e cordões, publicavam os nomes de seus diretores e dos carnavalescos que os freqüentavam, estampavam em suas páginas a gravura dos estandartes dessas agremiações e, ainda, promoviam concursos para



premiar essas manifestações carnavalescas mais populares.

Professora assistente doutora da Unesp-Ourinhos, Fabiana defendeu mestrado e doutorado na linha de história social na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), da USP. Ela faz ressurgir com sua meticulosa e reveladora pesquisa os nomes de literatos, jornalistas, caricaturistas e de alguns músicos como Olavo Bilac, Artur Azevedo, Calixto Cordeiro, J. Carlos, Raul e Mário Pederneiras, Martins Fontes, Emílio de Menezes, José do Patrocínio Filho, Olegário Mariano, João do Rio, Coelho Neto, Bastos Tigre, Lima Barreto, Luiz Edmundo, Luiz Peixoto, Eduardo das Neves e Xisto Bahia, dentre outros colaboradores de *Fon-Fon* e *Careta*. Outro ponto que a autora considera curioso foi o fato de que, apesar de ter lido em um livro recente onde se afirmava que Bilac tinha aversão ao Carnaval, ela concluiu que o jornalista e poeta, ao menos durante certo período de sua vida, foi um folião ativo e um escritor freqüente de crônicas relacionadas à folia momesca.

Apesar das duas revistas terem sido em parte responsáveis pela propagação e inserção de novas formas de brincar e de “ver” o Carnaval carioca e em todo país, estimuladas pela importação de “estrangeirismos” e pelos modismos provenientes de países como a França ou a Itália, principalmente durante a *belle époque*, Fabiana percebeu que a realidade muitas vezes traduzida na irreverência da própria festa ou por meio de textos e caricaturas impressas na re-

vistas se transformava em comédia. “O Carnaval e o humor difundidos através de seus carros de crítica ou nas fantasias de mascarados avulsos que insistiam em brincar pelas ruas da cidade traduzem uma identidade com a nação e com seu cotidiano e política muito peculiares e que são muitas vezes traduzidas através do sarcasmo e da irreverência de críticas feitas em momentos de festa”, observa a pesquisadora.

Assim, ela mostrou como os caricaturistas e articulistas acabavam expressando, nas revistas ilustradas, não apenas suas opiniões, mas também aquilo que já era um consenso pelas ruas da cidade e, por conta disso, tornavam-se motivo para a confecção de fantasias e máscaras sobre o assunto. Tais sátiras estavam, portanto, associadas a uma forma carnavalesca de representar estes temas que faziam parte do cotidiano da população ou de parte da *intelligentsia*, que contribuía com textos humorísticos para as duas publicações. “Des-

sa forma, parece-nos que esse tipo de humor se manifestava principalmente em momentos de lazer, diversão e em tempos de festa. Talvez porque nesses a crítica feita de forma irreverente fosse mais palatável, momentos em que certas posturas eram dilatadas e o riso fluía mais facilmente.”

Em certas situações, ressalta Fabiana, as brincadeiras momescas, aliadas a sentimentos de contrariedade e de insatisfação de parte da população, acabavam extravasando com o próximo. No caso, com desafetos que faziam parte de um grupo carnavalesco rival e quando estes se encontravam pelas ruas. Então as grosserias verbais muitas vezes extrapolavam para a agressividade física. A pesquisadora afirma, porém, que não quer com essas observações insinuar que o riso e a sátira fossem formas típicas de o brasileiro se manifestar política e socialmente. “Mas o fato é que, ao menos durante a *belle époque*, a representação humorística foi extremamente usada e importante para a comunidade e também para a elite intelectual expressar seus anseios de modernidade.”

No primeiro momento, observa Fabiana, sua tarefa foi analisar os dois periódicos até o ano 1930. Deparou-se com um material mui-

to rico e revelador sobre a vida cotidiana e política da capital do Brasil. Em especial, quanto à postura que as duas revistas tomavam com relação à política e a certas práticas relacionadas ao Carnaval. Outra fonte documental importante para ela foram as próprias canções da época, que possuem material rico em humor e sátira, apesar de a pesquisadora não se propor a analisá-las em sua forma como fez em seu mestrado. “Sabemos que muitas dessas composições não eram feitas especificamente para o Carnaval, mas a sátira política e a de costumes faziam muito sucesso pelas ruas da cidade, principalmente nestes dias de festa em que a liberdade e os excessos possibilitavam e estimulavam a crítica e o riso.”

A documentação impressa foi utilizada por Fabiana para mostrar como os caricaturistas e articulistas acabavam expressando nas revistas ilustradas tanto suas opiniões quanto aquilo que já era um consenso na cidade. Por conta disso, tornavam-se motivos para a confecção de fantasias e máscaras sobre o assunto. “Tais sátiras estavam, portanto, associadas a uma forma carnavalesca de representar esses temas que faziam parte do cotidiano da população ou de parte da *intelligentsia* que contribuía para estas edições.” Além de *Fon-Fon* e *Careta*, ela recorreu a algumas revistas ilustradas como *O Mequetrefe*, *Revista Ilustrada* e o diário *Gazeta de Notícias*, entre outros. “Através de uma charge em que K.lixto retrata o Barão do Rio Branco como um cozinheiro que prepara uma omelete, cujo fogo é alimentado por sacos de dinheiro, é possível saber que além de muito popular o ilustre ministro também era famoso por seus banquetes e pela grande quantidade de dinheiro despendida em tais recepções.”

Através desta caricatura, prossegue Fabiana, associada a várias outras que tratam da personalidade política e de sua famosa política de diplomacia, juntamente com textos, músicas e peças de teatro que são publicados ou propagandeados, pode-se compreender a importância que o Barão do Rio Branco e sua política possuíam para a população carioca. Tais documentos denotam também que essas referências humorísticas possuíam



um misto de indignação com os gastos e de admiração pelas sucessivas vitórias diplomáticas que teve o barão em sua vida pública. “É o que percebemos no final do texto: ‘Ao frigar dos ovos, eu passo a perna fraternal nos povos.’”

O estudo de Fabiana identificou vários outros exemplos de imagens e textos que revelam as diversas facetas com que a sociedade carioca, durante a *belle époque*, via os festejos de Momo e como estes eram representados em duas das principais revistas semanais do período. “A ótica mostrada foi principalmente aquela elaborada pelos literatos e caricaturistas do período, que retratavam tais festejos com grande dose de humor e crítica.” A pesquisadora trata de vários aspectos dessa sociedade que foram “carnavalizados” pelos colaboradores das revistas. Foi possível para ela ver as mudanças ocorridas na cidade: as reformas, a introdução dos bondes elétricos, dos automóveis, dos cafés e seu deslocamento em frequência para os salões literários, o teatro e sua popularização com a implementação das sessões, a moda, com seus chapéus, *entravées* e *jupes-coulottes*.

Foram identificadas também as modificações que aconteceram na política e no Carnaval. Fabiana estudou ainda como este último foi utilizado de forma pedagógica pelos literatos, através dos desfiles e dos temas dos carros de crítica que difundiam seus ideais.

“Com a proclamação da República e a desilusão de grande parte dos literatos frente a ela, os mesmos carros que antes eram usados para imprimir uma ideologia à população, objetivando a abolição e o fim da monarquia, seriam utilizados num primeiro momento para elogiar as reformas implementadas com uma rapidez e um autoritarismo sem precedentes.” No entanto, observa a pesquisadora, tal sentimento de euforia duraria muito pouco. Logo o humor e a sátira passariam a se voltar novamente para as personalidades políticas e para certos modismos que então imperavam. Tudo dentro do espírito e da irreverência que fizeram da folia momesca uma grande celebração das liberdades. ■

